

RESISTÊNCIA DE CLONES DE CAJUEIRO COMUM À ANTRACNOSE

Renato Cesar Moreira¹; José Emilson Cardoso²; Joilson Silva Lima¹

¹Mestrando em Fitotecnia – Universidade Federal do Ceará, Av. Mister Hull, 2977, Campus do Pici, CEP: 60.356-001, Fortaleza-CE; ²Engº Agrônomo, PhD - Embrapa Agroindústria Tropical. E - Mail: Renato_moraujo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O cajueiro (*Anacardium occidentale* L.) é uma planta tropical, originária do Brasil, dispersa em quase todo o seu território. A Região Nordeste, com uma área plantada superior a 700 mil hectares, responde por mais de 95% da produção nacional, sendo os estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte os principais produtores (FREIRE & CARDOSO, 2003). A atividade tem grande importância social gerando milhares de empregos diretos e indiretos.

Embora seja uma cultura nativa, seu rendimento é freqüentemente reduzido por muitas doenças, destacando-se a antracnose, umas das mais importantes patologias do cajueiro em todas as regiões produtoras do Brasil. Essa fitomoléstia é causada pelo fungo *Collectotrichum gloeosporioides* (Penz) Penz. & Sacc., ocorrendo em várias espécies de plantas cultivadas causando antracnose. Espécies de *Colletotrichum* patogênicas às fruteiras tropicais ocasionam uma ampla gama de sintomas em toda a parte aérea das plantas, bem como nos frutos, constituindo-se em um dos maiores problemas fitossanitários em nível mundial (FREEMAN; KATAN; SHABI, 1998).

As práticas de gestão para esta doença são baseadas em métodos de saneamento, que geralmente não são eficazes. Assim, a resistência genética é uma forma promissora para o controle da doença diminuindo os custos com a aplicação de produtos que combatem o fungo. Este trabalho objetivou avaliar a resistência de clones de cajueiro comum à antracnose.

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi realizado no Município de Pio IX-PI, após seleção vinte genótipos clonados de cajueiro comum, monitorados no período de 2009 a 2010. Os clones foram previamente selecionados pelo programa da Embrapa de reprodução com base no rendimento e qualidade de castanha. O experimento foi montado em delineamento

inteiramente casualizado (DIC) com 20 repetições. A severidade da antracnose em campo foi medida a cada três meses, utilizando escala de notas variando de 0 a 4, de acordo com o grau de severidade da doença nas plantas. As análises foram realizadas com o uso do programa estatístico Sisvar, versão 5.3, desenvolvido na Universidade Federal de Lavras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Figura 1 têm-se as médias de severidade dos vinte clones de cajueiro comum. O Clone CNPAT2002/9 diferiu significativamente dos demais, apresentando a menor média de severidade da doença, enquanto os Clones CNPAT2002/6 e CNPAT2002/5 apresentaram as maiores médias de severidade, se comportando como clones susceptíveis à antracnose, diferindo estatisticamente dos demais clones.

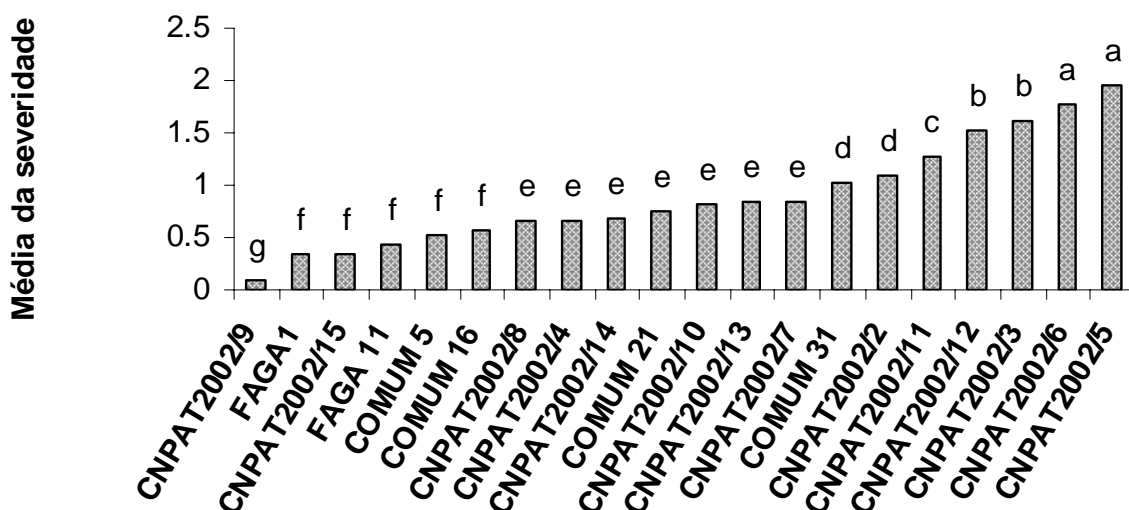


Figura 1. Médias de severidade da antracnose em clones de cajueiro comum. Médias de severidade da doença nos clones seguidas pela mesma letra não diferem entre si pelo teste de Tukey (0,05).

Os resultados mostrados na Figura 1 indicam ampla variedade genética entre os clones, o que possibilita a escolha de material resistente à epidemia por meio de seleção fenotípica. Cavalcanti et al. (2000) verificou que o Clone comercial CCP 06 apresentou resistência contra a antracnose, enquanto o clone comercial CCP 09 mostrou-se susceptível à doença.

Na Figura 2 tem-se a curva de progresso da antracnose correspondente aos períodos de 2009 e início do ano de 2010. Observa-se que no início do ano, a severidade da doença é baixa, aumentando com a ocorrência das chuvas no primeiro semestre do ano,

período de ocorrência de folhas novas. Este fator favorece o aumento da epidemia, visto que a infecção ocorre em folhas novas (CARDOSO et al., 2000).

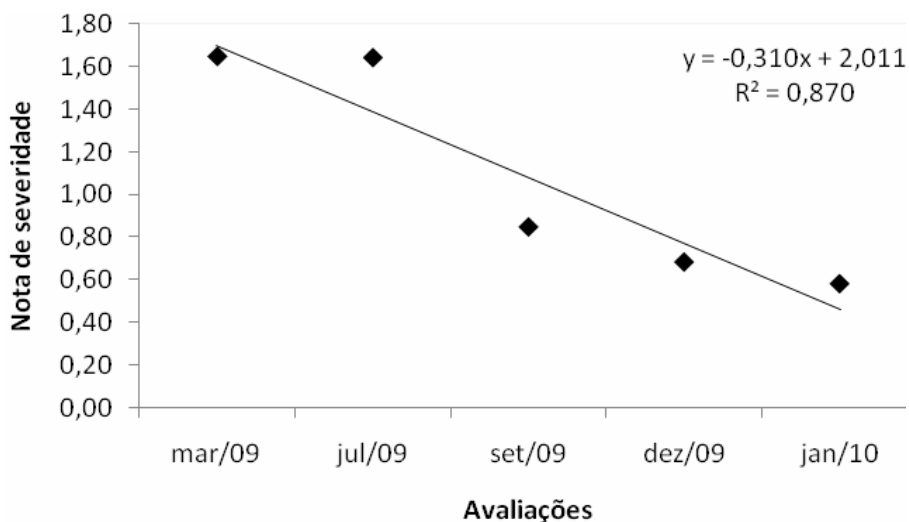


Figura 2. Curva de progresso da antracnose para os meses de 2009 e início de 2010.

Como mostrado na Figura 2, há correlação entre severidade da doença e a ocorrência de precipitações pluviométrica, sendo que as chuvas ocorrem no primeiro semestre do ano, havendo apenas precipitações ocasionais no segundo semestre. Cardoso et al. (2000) relatam que a incidência e severidade da doença são influenciadas pela umidade na superfície do tecido susceptível do hospedeiro. Os resultados aqui apresentados demonstram que 87% dos dados estão sendo explicados pela regressão linear.

CONCLUSÕES

Há variabilidade genética para resistência à antracnose, na população de cajueiro comum. O Clone CNPAT 2002/9 mostrou-se resistente, enquanto os Clones CNPAT 2002/6 e CNPAT 2002/5 apresentaram maior susceptibilidade à antracnose. Existe correlação negativa entre a severidade da doença e as precipitações pluviométricas.

REFERENCIAS

FREEMAN, E.; KATAN, T.; SHABI, E. Characterization of *Colletotrichum* species responsible for anthracnose diseases of various fruits. **Plant Disease**, St. Paul, v. 82, n. 6, p. 596-605, 1998.

FREIRE, F.C.O. & CARDOSO, J.E. Doenças do cajueiro. In: Freire, F.C.O, Cardoso, J.E. & Viana, F.M.P. (Ed.) **Doenças de fruteiras tropicais de interesse agroindustrial**. Brasília. Embrapa Informações Tecnológica, p. 191-226, 2003.

CARDOSO, J.E.; FELIPE, E.M.;CAVALCANTE, M.J.B.; FREIRE, F.C.O.; CAVALCANTI, J.J.V. Precipitação pluvial e progresso da antracnose e do mofo-preto-do-cajueiro (*Anacardium occidentale* L.). **Summa Phytopathologica**, v. 26. n.4, p.413-416, 2000.

CAVALCANTI, J. J. V.; CADOSO, J. E.; BARROS, L. V.; FELIPE, E. M. **Resistência Genética de Clones de Cajueiro Anão Precoce as Principais Fitomoléstias**. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical. Boletim de Pesquisa 34, 2000.